

PLANEJAMENTO EM QUESTÃO

INTRODUÇÃO: O PAPEL DA REFLEXÃO

Nosso desejo é ajudar a transformar a prática educativa. O meio que estamos utilizando neste momento — o livro — pauta-se na mediação simbólica, na reflexão. Poderíamos nos perguntar: diante do quadro — muitas vezes dramático — de dificuldades da educação escolar, qual seria o papel da reflexão? De início, precisamos considerar que a reflexão encontra-se no campo da subjetividade, sendo que os obstáculos para a mudança estão tanto no campo *subjetivo* como no *objetivo*. Como avançar? A reflexão enquanto tal (atividade simbolizadora e seus produtos: representações, conceitos, teorias, etc.) não pode, de fato, interferir diretamente na realidade, nas condições objetivas; quem age sobre a realidade — direta ou indiretamente (através de algum instrumento) — são os sujeitos. Ocorre que estes, por sua vez, têm sua ação pautada em algum nível de reflexão, visto que a prática está sempre baseada numa significação, seja ela ideológica, interesseira, utilitária, alienada, qual seja, não é um processo mecânico, automático, aleatório, casuístico. Incessantemente há na ação consciente dos sujeitos um nível de elaboração, um sentido, um fim, uma justificativa, uma marca humana que é a **intencionalidade**.¹ É como afirma Rubinstein: *o caráter consciente e orientado a um fim caracteriza a atuação humana* (1967: 596). É certo que a ação humana pode ser alienada; poderíamos, no entanto, dizer que a alienação não está na ausência de fins, mas na qualidade dos mesmos.

A reflexão, portanto, é uma mediação no processo de transformação. Digamos assim, ela pode agir 'através' do sujeito. Para quem deseja a mudança resta, pois, a possibilidade de interagir com a intencionalidade dos sujeitos, favorecer a interação entre eles, de forma a que possam ter uma ação pautada numa nova concepção. No entanto, esta interação não pode ser ingênua:

Sem dúvida, a arma da crítica não pode substituir a crítica das armas. (Marx, 1989: 86)

Qual seja, devemos levar em conta a influência da dimensão objetiva na subjetiva: "Não é lutando contra a fraseologia de um mundo, que se luta com o mundo que realmente existe" (Marx, 1980a: 17). A reflexão precisa ajudar a

1. A não ser casos de doença física ou neurológica. *É justamente mercê do que parece bem que todos realizam tudo* (Aristóteles, *Política*).

identificar os elementos que condicionam a prática e a entender como os mesmos interferem na percepção que os sujeitos constroem da existência.

Retomemos a questão: considerando os dois grandes níveis de obstáculos (objetivo e subjetivo), qual o papel da reflexão? Trabalhar com os obstáculos da consciência (*conteúdo*: ideologias, preconceitos, bloqueios; *forma*: estruturas mentais, lógicas, estilos de pensar); e se constituir em guia de intervenção sobre os obstáculos objetivos, a partir da tentativa de captar estes determinantes, para poder intervir no real. O sentido último da teoria é a transformação da prática.

A reflexão tem, pois, por função propiciar o despertar do sujeito, além de capacitá-lo para caminhar (um conhecimento da realidade — *Análise da Realidade*, uma nova intencionalidade — *Projeção de Finalidades*, e um novo plano de ação — *Formas de Mediação*). Isto implica que a reflexão precisa articular duas dimensões:

1) **Convencimento** — ser elemento que dê sentido e força à atividade, propicie o despertar do desejo para a consciência se integrar, se encontrar, se motivar, se dispor para a ação. 'Limpar o meio de campo': desconstruir representações equivocadas, desmontar mitos e preconceitos. Ajudar o sujeito (pessoal e coletivamente) a se convencer de que sua ação é importante, embora limitada. Corresponde a uma mobilização inicial, à gênese do resgate do professor como sujeito. Esta é, então, uma primordial tarefa da reflexão:

Reconstruir o sujeito mediador

2) **Intervenção** — ser um guia para a prática que se quer transformadora. Indicar caminhos. Ajudar a ganhar competência para a ação: entender o que está acontecendo; projetar objetivos para a ação; apontar alternativas para a intervenção. A outra grande tarefa da reflexão é, então:

Construir um caminho viável de mediação

Deve ficar claro que tratam-se de duas *dimensões* e não de duas *etapas* da reflexão, qual seja, não podemos imaginar que primeiro teremos o sujeito totalmente convencido, para só então buscarmos um caminho de intervenção. Apresentamos na seqüência um quadro procurando sistematizar as funções da reflexão no processo de transformação da prática pedagógica.

Insistimos que o *objetivo* e o *subjetivo* não são duas realidades justapostas, mas, pelo contrário, duas dimensões do único e complexo processo de ação humana. É preciso, pois, que fique clara a dialeticidade entre estas esferas.

A perspectiva dialética da educação resgata o enfoque ontológico: estamos compreendendo o sujeito como sujeito concreto e não apenas como sujeito epistêmico.

Desafio da Reflexão:	Papel da Reflexão	Base (ênfase)	Campo Reflexivo	Tipo de Reflexão ²	Destinação da Reflexão
Obstáculos Subjetivos ³	Convencimento Mobilização	Afetiva/ Cognitiva	Ontológico Axiológico	Valorativa	Própria Consciência
Obstáculos Objetivos ⁴	Conhecer para Transformar Planejar Intervenção Guia para a Ação	Cognitiva/ Afetiva	Epistemológico Axiológico	Métodos	Mundo extraconsciência

— Quadro: A Reflexão frente ao Processo de Transformação da Prática —

Queremos deixar claro este nosso esforço no decorrer do trabalho, qual seja, investir no *convencimento* do professor em relação à necessidade do planejamento e na sua *capacitação* para a elaboração e realização de projetos. A nosso ver, semelhante empenho deve ser feito no processo de formação dos educadores, se desejamos contribuir para a mudança concreta da prática educacional.

2. Em termos de predominância e não de exclusividade.

3. Sujeito frente à si mesmo. Embora neste caso o objeto da consciência seja os próprios fenômenos psíquicos, isto não significa que a consciência constitua um mundo à parte; ao contrário, o sujeito vai se dando conta de seu psiquismo de maneira mediata, qual seja, através das suas ações no mundo e interações com os demais (cf. Rubinstein, 1960: 370).

4. Sujeito frente ao mundo.